

# Estudo com diários

Andréa Machado de Almeida Mattos  
**Universidade Federal de Minas Gerais**

## Abstract

This paper aims at a methodological discussion of journal studies within the scope of Applied Linguistics, specifically those studies referring to the teaching/learning of a second language. First, the classic dichotomy between quantitative and qualitative studies is addressed, placing journal studies in the qualitative paradigm. Second, the paper presents a methodological discussion of such studies, through a review of work published in this area.

A tradição de pesquisa na área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira (L2) é relativamente recente, se comparada a outras áreas das ciências sociais cujas tradições de pesquisa são bem mais antigas. Por isso mesmo, a metodologia de pesquisa sobre ensino/aprendizagem de L2 é ainda bastante incipiente e há muitas controvérsias. O objetivo deste trabalho é posicionar os Estudos com Diários no campo metodológico da pesquisa na área de ensino/aprendizagem de L2, ou seja, pretende-se aqui fazer uma discussão da *metodologia* dos Estudos com Diários, através da revisão de autores que já publicaram trabalhos nesta área.

As controvérsias sobre pesquisa em língua estrangeira começam a partir da distinção binária tradicionalmente feita entre as abordagens à pesquisa: de um lado, o paradigma quantitativo, de outro, o paradigma qualitativo. A pesquisa posicionada no paradigma quantitativo define-se por ser objetiva, controlada e orientada para o produto. Nela o pesquisador tem *a priori* um conjunto de hipóteses ou perguntas sobre o seu objeto de estudo, tenta controlar todas as variáveis externas que possam influenciar os resultados e age como um elemento externo que não influencia o objeto pesquisado. A coleta de dados é feita de maneira objetiva, principalmente através de testes, e a análise dos dados é normalmente feita de forma estatística com o objetivo de generalizar os resultados para outras populações semelhantes à população pesquisada (Chaudron, 1988; Seliger & Shohamy, 1989; Nunan, 1992).

Por sua vez, a pesquisa que segue o paradigma qualitativo define-se por ser subjetiva, não-controlada e orientada para o processo. Nela o pesquisador não necessita estabelecer hipóteses ou perguntas sobre seu objeto de estudo, mas procura entender este objeto no seu próprio ambiente de maneira holística, e age como um

elemento participante que pode influenciar o objeto pesquisado. A coleta de dados é feita de maneira subjetiva, por exemplo através da observação, e a análise dos dados é feita de forma inferencial sem o objetivo de generalizar os resultados para outras populações (Chaudron, 1988; Seliger & Shohamy, 1989; Nunan, 1992).

Hoje em dia, porém, muitos pesquisadores defendem a idéia de que esta distinção binária não é estática. Pelo contrário, as pesquisas realizadas se estendem ao longo de um *continuum*, tendo como extremos os dois paradigmas definidos acima. Assim, nada impede que um pesquisador que coletou dados qualitativamente utilize alguma forma de quantificação em sua análise, tornando seus resultados talvez mais generalizáveis. Da mesma forma, um pesquisador que coletou dados quantitativamente pode muito bem fazer algum tipo de inferência qualitativa a partir de seus resultados.

Os Estudos com Diários se inserem definitivamente no paradigma da pesquisa qualitativa por sua própria definição e natureza. Porém, há exemplos de tentativas de quantificação e generalização de resultados assim obtidos. Os diários não constituem, por si só, uma metodologia de pesquisa, mas são, na verdade, um instrumento de coleta de dados. Por sua natureza subjetiva, os diários são comumente analisados qualitativamente e têm sido usados para uma variedade de pesquisas sobre ensino/aprendizagem com diferentes objetivos.

Entre os pesquisadores da área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, especialmente aqueles que preferem a linha qualitativa, os Estudos com Diários têm-se tornado muito popular recentemente. Segundo Moita Lopes (1996), isto se deve ao fato de que a tendência atual do foco de interesse da pesquisa nesta área deslocou-se para o entendimento do processo de ensino/aprendizagem a partir do ponto de vista do aprendiz.

De acordo com Nunan (1992:120), Bailey assim definiu o Estudo com Diário:

“um relato em primeira pessoa de uma experiência de ensino ou de aprendizagem, documentada através de registros sinceros e regulares num diário pessoal que será depois analisado à procura de padrões recorrentes ou eventos discrepantes.”

Esta definição deixa claro que os diários podem ser usados para se estudar tanto o processo de ensino quanto o processo de aprendizagem ou ambos. Para estudar o processo de aprendizagem, um pesquisador que esteja aprendendo uma segunda língua pode utilizar o diário para escrever um relato de sua própria experiência de aprendizagem ou um professor-pesquisador pode pedir a seus alunos que relatem suas experiências em diários. O professor-pesquisador pode, ainda, utilizar o diário para relatar suas próprias experiências de ensino.

Bailey & Ochsner (1983) fizeram uma revisão de vários relatos de pesquisas realizadas com diários e sugerem um procedimento básico para este tipo de estudo:

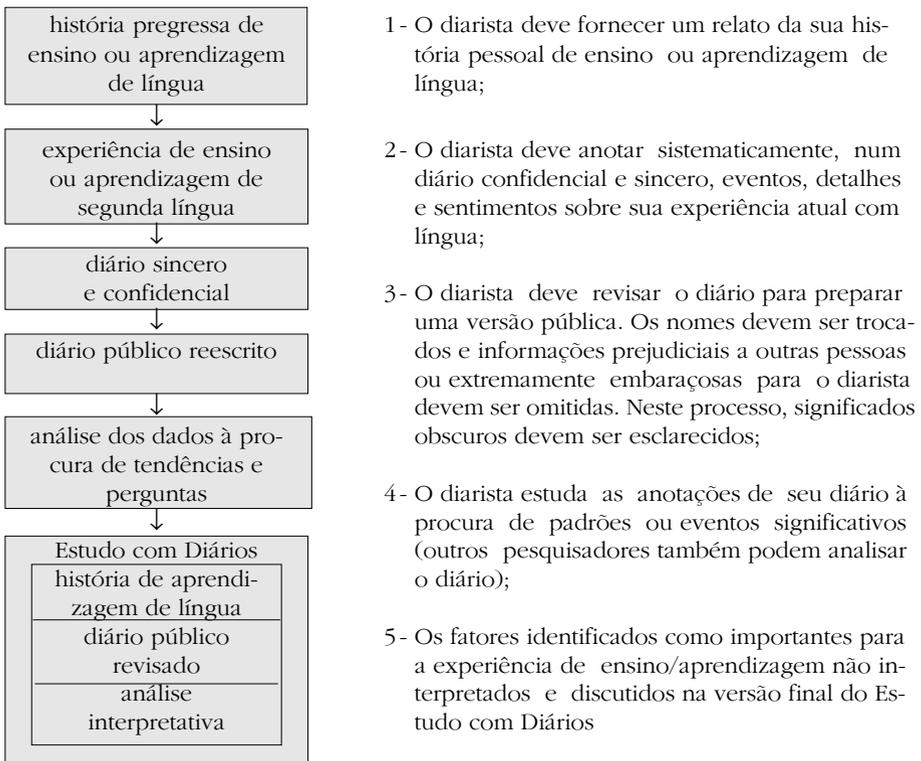


Figura 1: Atividades envolvidas num Estudo com Diários de aprendizagem de segunda língua (Bailey & Ochsner, 1983:190).

Neste mesmo trabalho, Bailey & Ochsner fazem sugestões quanto ao estilo a ser usado no relato final do Estudo com Diários. Segundo eles, é importante que o diarista descreva “sua própria personalidade, revelando qualidades, traços e atitudes que presumivelmente afetem o ensino ou a aprendizagem de língua” (1983:191). Outro fator importante é a habilidade do diarista em se fazer acreditar. O estilo dos trechos do diário em si pode ser simples e direto e deve ser feito em primeira pessoa, porém as interpretações feitas a partir da análise destes trechos devem ser feitas num estilo indireto e acadêmico. Isto permite que o diarista se identifique como pessoa, ao mesmo tempo que identifica e define sua audiência alvo que normalmente se constitui de colegas de profissão. O relato final do Estudo com Diários deve conter também informações sobre o contexto em que ocorreu a experiência de ensino ou aprendizagem, sobre como e com que frequência foram feitas as anotações no diário, qual era em geral o tamanho destas anotações, que tipo de informação foi omitida na versão revisada dos diários e por quê, além de informações sobre como o texto final foi produzido. É importante relatar, ainda, o intervalo de tempo transcorrido entre o evento em si e sua anotação no diário. Estas informações são necessárias para permitir que o leitor final faça uma análise interpretativa do relato da pesquisa (Bailey & Ochsner, 1983).

Como todo e qualquer instrumento de pesquisa, os diários apresentam vantagens e desvantagens. Algumas destas vantagens, segundo Nunan (1989:58), são: os diários são de simples elaboração e não necessitam da intervenção de mais ninguém além do próprio diarista; permitem continuidade; as informações podem ser convenientemente analisadas de acordo com a disponibilidade de tempo do professor/pesquisador; permitem recordar acontecimentos que de outra forma poderiam ser esquecidos; ajudam a estabelecer relações entre os acontecimentos e podem ser usados para explorar tendências emergentes; são muito úteis nos estudos de caso. Quanto às desvantagens, Nunan (1989:58) relaciona as seguintes: frequentemente é necessário cruzar os dados dos diários com outras fontes

de dados como, por exemplo, esquemas de observação, transcrições, etc.; não é possível gravar conversas através de diários; as anotações em diários consomem muito tempo; os diários podem ser extremamente subjetivos.

Os diários podem ser usados tanto como instrumento de coleta de dados para pesquisa quanto como instrumento de reflexão para desenvolvimento de professores. Em relação a esta última finalidade dos diários, Nunan (1992:120) ressalta várias vantagens do uso deste instrumento: os alunos-professores podem verbalizar os problemas que estejam enfrentando com o curso e assim conseguir ajuda; os diários promovem o aprendizado autônomo, encorajando os alunos-professores a assumirem responsabilidades por seu próprio aprendizado; através da troca de idéias com o professor-orientador, os alunos-professores ganham confiança em si mesmos; os diários podem promover discussões mais produtivas em classe; os alunos-professores são encorajados a estabelecer relações entre os conteúdos do curso e sua própria prática de ensino; os diários permitem a interação entre alunos-professores e professor-orientador além da sala de aula; através da conexão entre a metodologia de treinamento e a metodologia de ensino de segunda língua, os alunos-professores tornam suas aulas mais orientadas para o processo.

Como já foi dito, os diários têm sido um instrumento de pesquisa muito valorizado hoje em dia. Isto porque eles revelam a natureza intensamente pessoal do aprendizado de língua estrangeira. As pesquisas com diários têm contribuído para a compreensão das variáveis pessoais do processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira como, por exemplo, estilo cognitivo do aprendiz, fatores afetivos e motivacionais que influenciam o processo, fontes de estresse, etc. (Bailey & Ochsner, 1983:191). Através dos diários, é possível perceber também as estratégias de aprendizagem preferidas do diarista e os conflitos que surgem quando estas não correspondem ao estilo de ensinar do professor.

Na Pesquisação, um tipo de pesquisa em que o professor tenta investigar sua própria realidade para depois intervir em sua prática,

os diários tornam-se instrumentos poderosos, na medida em que permitem perceber o ponto de vista do aluno sobre a atuação do professor e sobre sua própria aprendizagem. O diário é, ainda, um agente provocador que facilita a prática da reflexão sobre acontecimentos que, de outra forma, poderiam parecer rotineiros ou irrelevantes.

As críticas mais freqüentes ao Estudo com Diários se referem à validade externa deste tipo de pesquisa, ou seja, questiona-se até que ponto conclusões baseadas em dados obtidos de um único sujeito poderiam ser generalizadas para outros aprendizes de língua. Os pesquisadores que fazem este tipo de crítica aos Estudos com Diários admitem que os diários são úteis para levantar hipóteses preliminares e clarear o terreno para pesquisas mais abrangentes, mas negam sua validade enquanto método de pesquisa propriamente dito (Nunan, 1989 e 1992). Outra crítica relevante questiona até que ponto as anotações feitas no diário realmente refletem a realidade dos fatos observados ou vivenciados pelo diarista. Esta preocupação é procedente pois muitas vezes o espaço de tempo transcorrido entre a ocorrência do fato em si e sua anotação no diário modifica a impressão que o diarista tem da realidade observada.

Apesar das críticas, é difícil dizer de que outra maneira seria possível obter dados semelhantes aos obtidos a partir de relatos em diários, devido à riqueza das informações e à sua natural subjetividade. Quanto à possibilidade de generalização, esta não tem sido uma preocupação dos pesquisadores que seguem a linha qualitativa. Pelo contrário, o objetivo tem sido relatar experiências individuais ou, no máximo, de pequenos grupos enquanto casos em si mesmos, mas que podem proporcionar um conhecimento maior a respeito da natureza subjetiva do aprendizado de línguas e dos fatores psicológicos, sociais e culturais que influenciam o seu desenvolvimento.

Entre as várias pesquisas com diários já realizadas, um dos estudos mais citados é o estudo de caso feito por Richard Schmidt e Silvia Frota (1986), em que os pesquisadores analisam o desenvolvimento da habilidade conversacional do próprio Schmidt, enquanto

aprendiz de Português, durante uma estadia de cinco meses no Brasil. Schmidt fez anotações regulares num diário sobre aspectos que lhe pareciam relevantes para sua experiência de aprendizagem e os dados do diário foram analisados em conjunto com dados obtidos a partir de gravações de conversas ocorridas entre os dois autores – Schmidt e Frota. O objetivo da análise, feita principalmente por Frota – falante nativa do Português do Brasil – foi verificar “1) o tipo e a quantidade de língua que foi aprendida para a comunicação com falantes nativos, e 2) as formas em que tanto a instrução quanto a interação conversacional contribuíram para o aprendizado da língua.” (Schmidt & Frota, 1986:237) Este estudo é especialmente interessante para pesquisadores e professores brasileiros, principal-mente aqueles que trabalham com o ensino de Português para estrangeiros, na medida em que faz uma análise extensa da aquisição do Português como língua estrangeira por um aprendiz adulto, a partir de relatos do próprio aprendiz, o que pode iluminar as dificuldades enfrentadas por outros aprendizes de Português em situações semelhantes.

Outro estudo seminal nesta área foi feito por Kathleen Bailey (1981), em que ela relata sua experiência enquanto aprendiz de Francês como língua estrangeira numa situação formal de ensino com o objetivo de realizar uma prova de tradução – pré-requisito para um exame de PhD em Lingüística Aplicada. A análise dos relatos do seu diário revelam “1) sua reação ao ambiente de aprendizagem de língua; 2) sua preferência por um estilo democrático de ensino de língua e 3) sua necessidade de sucesso e de ‘feedback’ positivo.” (Bailey, 1981:58).

Francine Schumann também analisou seu aprendizado de línguas estrangeiras através de diários. Os relatos são provenientes de duas situações semelhantes de imersão na língua alvo (Árabe na Tunísia e Persa no Irã) e revelam “sentimentos e reações às culturas estrangeiras, aos falantes das línguas alvos e aos métodos de instrução.” (Schumann, 1981:51). A análise, relatada preliminarmente, identifica algumas variáveis pessoais, como reações às técnicas

pedagógicas, preferências por materiais didáticos, ansiedades relacionadas à mudança para a comunidade alvo, padrões de isolamento, etc. que, segundo a pesquisadora, afetaram a sua aquisição das línguas estrangeiras.

No Brasil, um trabalho interessante foi realizado por Laura Miccoli a partir de diários produzidos por seus alunos do curso de Letras da UFMG, revelando “uma seqüência de etapas (...) que afetava a percepção que os alunos tinham de seu processo de aprendizagem” (Miccoli, 1996:90-1). Os resultados deste estudo mostraram uma lacuna na literatura que descreve processos de aprendizagem principalmente no que se refere à influência do contexto da sala de aula sobre a aquisição de uma língua estrangeira.

Seguindo um caminho diferente, Jenifer Jarvis (1992) explorou o uso de diários como parte das atividades de um curso de especialização para professores de Inglês já experientes, com o objetivo de “proporcionar uma oportunidade para que [os professores] refletissem sobre sua prática de ensino à luz do trabalho realizado [no curso]” (Jarvis, 1992:134).

Numa coletânea recente sobre a relevância de estudos centrados na sala de aula para a compreensão do processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, Kathleen Bailey e David Nunan (1996) dedicaram uma seção inteira ao relato de quatro trabalhos realizados com diários. O primeiro destes trabalhos foi feito por Cherry Campbell relatando sua própria experiência de aprendizagem do Espanhol durante um curso de imersão de dois meses no México onde a pesquisadora, a partir das anotações feitas em seu diário, tece conclusões a respeito de suas estratégias preferidas para o aprendizado da língua e sua necessidade de reconhecimento e de socialização com falantes nativos do Espanhol. Campbell também revisa outros relatos de pesquisa com diários, incluindo o trabalho de Schmidt & Frota (1986), numa tentativa de generalizar algumas de suas próprias conclusões.

Outro relato interessante foi feito por Martha Cummings a partir de anotações feitas em seu diário sobre sua experiência como profes-

sora de um curso de redação para alunos “repetentes”. O texto de Cummings, em estilo narrativo, é comovente na medida em que relata as esperanças e frustrações dos seus alunos, frente às pressões de se aprender uma segunda língua já na idade adulta.

Os outros dois trabalhos compilados por Bailey e Nunan se referem a estudos realizados por professores/pesquisadores a partir de diários de seus alunos. Sabrina Peck relata a experiência de aprendizes adultos de Espanhol enquanto evoluem por diferentes etapas de sensibilização para com a cultura alvo e Mick Hilleson analisa dados de diários de alunos de uma escola secundária em Singapura, estudando Inglês como segunda língua, em que emergem temas como a dificuldade de expressão e a ansiedade associada ao aprendizado em programas de imersão.

Num outro estudo recentemente publicado, Kathleen Bailey e vários colaboradores relatam o uso de diários reflexivos para examinar um conceito chave na área de desenvolvimento do professor de língua estrangeira: o que os professores aprendem a partir de suas experiências como estudantes. Este estudo procura sugerir caminhos que possam quebrar o ciclo do princípio de que “nós ensinamos da maneira como nós fomos ensinados ao invés de como nós fomos treinados para ensinar” (Bailey et al., 1996:11) e utiliza a autobiografia de professores em treinamento para examinar suas experiências como aprendizes de língua e o possível impacto que estas experiências possam ter na prática e na filosofia de ensino de cada indivíduo.

A partir da leitura destes relatos, é possível perceber que o Estudo com Diários se aplica a uma variedade de situações de ensino/aprendizagem com diferentes objetivos. Fica claro também o importante papel que estas pesquisas têm para um maior entendimento do processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, principalmente no que se refere ao ponto de vista do diarista, seja ele aprendiz ou professor. Os dados obtidos a partir dos diários dificilmente poderiam ser percebidos por um observador externo e as análises realizadas a partir destes dados proporcionam o esclareci-

mento de pontos há muito focalizados pelos pesquisadores desta área, traçando novos caminhos tanto para a pesquisa quanto para o ensino de língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, K. M. An introspective analysis of an individual's language learning experience. In: KRASHEN, S. & SCARCELLA, R. (Ed.ª). *Issues in second language acquisition: selected papers of the Los Angeles second language research forum*. Rowley, Mass: Newbury House, 1981.
- BAILEY, K. M. & OCHSNER, R. A methodological review of the Diary Studies: windmill tilting or social science? In: BAILEY, K. M., LONG, M. H. & PECK, S. (Ed.ª). *Second language acquisition studies*. Rowley, Mass: Newbury House, 1983.
- BAILEY, K. M. & NUNAN, D. (Ed.ª). *Voices from the language classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- BAILEY, K. M. et al. The language learner's autobiography: examining the "apprenticeship of observation". In: FREEMAN, D. & RICHARDS, J. *Teacher learning in language teaching*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CAMPBELL, C. Socializing with the teachers and prior language learning experience: a diary study. In: BAILEY, K. M. & NUNAN, D. (Ed.ª). *Voices from the language classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CHAUDRON, C. *Second language classrooms: research on teaching and learning*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- CUMMINGS, M. C. Sardo revisited: voice, faith and multiple repeaters. In: BAILEY, K. M. & NUNAN, D. (Ed.ª). *Voices from the language classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- HILLESON, M. "I want to talk with them, but I don't want them to hear": an introspective study of second language anxiety in an English-medium school. In: BAILEY, K. M. & NUNAN, D. (Ed.ª). *Voices from the language classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- JARVIS, J. Using diaries for teacher reflection on in-service courses. In: *ELT Journal*. V. 46/2, 1992, pp. 133-43.
- MICCOLI, L. S. Journal-writing as feedback and as an EFL-related-issues discussion tool. In: *Revista de Estudos Germânicos*. V. 8/2, 1987, pp. 59-66.

- \_\_\_\_\_. Refletindo sobre o processo de aprendizagem: um estudo comparativo. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org). *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Campinas: Pontes/UFMG, 1996.
- MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- NUNAN, D. *Understanding language classrooms*. Cambridge: Prentice Hall, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Research methods in language teaching*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- PECK, S. Language learning diaries as mirrors of students' cultural sensitivity. In: BAILEY, K. M. & NUNAN, D. (Ed.º). *Voices from the language classroom*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- RICHARDS, J. & LOCKHART, C. *Reflective teaching in second language classrooms*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- SCHMIDT, R. & FROTA, S. N. Developing basic conversational ability in a second language: a case study of an adult learner of Portuguese. In: DAY, R. R. (Ed.). *Talking to learn: conversation in second language acquisition*. Rowley, Mass: Newbury House, 1986.
- SCHUMANN, F. M. Diary of a language learner: a further analysis. In: KRASHEN, S. & SCARCELLA, R. (Ed.º). *Issues in second language acquisition: selected papers of the Los Angeles second language research forum*. Rowley, Mass: Newbury House, 1981.
- SELIGER, H. & SHOHAMY, E. *Second language research methods*. Hong Kong: Oxford University Press, 1989.